

MUSEU DA PESSOA

História

Luzes, câmera... Ação

História de: [Carlos Augusto Oliveira](#)

Autor: [Carlos Augusto Oliveira](#)

Publicado em: 28/11/2006



História completa

Por Valéria Balbi São Paulo, Nov/2005 Making in... Guga é franco, direto. Sua voz grave às vezes intimida. É uma pessoa que transmite segurança, auto-confiança. Não é muito dado a convenções. Desde adolescente, adotou um estilo meio James Dean, o jeans e o tênis como traje oficial. Gravata, só em ocasiões solenes... e olhe lá Assim munido de total informalidade, vai a qualquer lugar. Nutre algumas paixões antigas, como o cinema, Frank Sinatra, whisky, Nova York, basquete, futebol – esportes em geral. Outras vêm e vão, como a culinária – vale registrar que é um exímio cozinheiro Pai de seis filhos, declara com carinho que foi a caçula quem lhe trouxe a oportunidade de viver plenamente a paternidade. “Luíza nasceu quando eu já tinha 54 anos. Uma fase da vida em que não estava mais correndo tanto quanto na época do nascimento dos outros. A princípio, me assustou a idéia de ser pai novamente... Mas o nascimento dela me estimulou, ela é hoje o centro da minha vida. Não assumo nenhum tipo de compromisso que me afaste dela mais do que o estritamente necessário.” O cinema acompanha Guga desde a infância. Aos nove anos, trocou sua bicicleta por um projetor. Aprendeu, assim, a ver o mundo através de sua própria lente. Criativo, descobriu um jeito de fazer o que gostava. Ainda garoto, começou a trabalhar na publicidade com nomes hoje consagrados. Ele brinca, dizendo que fugiu da escola, mas, dono de uma memória invejável, lembra-se de coisas que tornam difícil acreditar nisso. Jogar máster (jogo de perguntas sobre assuntos

diversos) com ele é covardia Nunca o vi perder uma partida. Além disso é uma verdadeira enciclopédia cinematográfica. É bem comum receber telefonemas de amigos e parentes perguntando sobre dados como nomes de diretores e atores e datas de filmes. Nossa primeira conversa intencionalmente sobre sua história de vida ocorreu em casa. No meio de tantos objetos que fazem parte de nossa vida, corri os olhos em busca dos que falam dele, aqueles que causariam impacto a alguém que atravessasse a porta de entrada pela primeira vez. Ao sair do elevador, uma carranca. Alguns, desavisados, a acham de mau gosto. É linda. Tem história. É da época do documentário “Velho Chico, santo rio”, sobre o rio São Francisco, “rio da unidade nacional” – tão em pauta ultimamente por causa da polêmica acerca do projeto de transposição. Além do mais, é de autoria do mestre Guarani carranqueiro, que tem obras espalhadas pelo mundo todo – inclusive no museu do Louvre, em Paris. “Mestre Guarani vivia às margens do rio Corrente, afluente do velho Chico. Ele aparece no documentário, devia ter uns 90 anos”, informa Guga. Depois que abandonou suas origens, a carranca passou por várias situações... esteve meio perdida por aí, até que a resgatamos e a trouxemos para casa. Limpamos, bezuntamos com óleo de peroba e outros quetais para salvá-la do apodrecimento. (Guga é muito descuidado. Isso eu afirmo com o direito de quem compartilha a vida há tempos...) Ao atravessarmos a porta, o olhar pára obrigatoriamente em um quadro de Gustavo Rosa. Não é grande. Na praia, uma mulher avantajada com maiô amarelo e um coração tatuado na coxa esquerda onde se lê “Guga”. Uma garrafa de whisky Logan na areia. Ao fundo, o azul do céu e do mar. “Lembrança dos tempos de boemia...”, diz ele. Sobre o piano, uma gravura autêntica de Frank Sinatra, da série que ilustrou os CDs Duets. Presente do irmão, homenagem ao “sinatrólogo”. Bagunças típicas de casa com criança somam-se às bagunças típicas de alguém desorganizado. Para ser mais justa, nada muito exagerado. Dvds como “Cidadão Kane”, “Ben Hur”, “Taxi Driver”, “Rastros de Ódio”, dividem espaço com um troféu de basquete de super campeão juvenil, conquistado em 1957 e outro, uma pesada cabeça de cachorro em bronze – o troféu Amiga – de melhor programa de televisão de 1972/73, para a série de documentários “Globo Shell Especial”. Uma TV de 46 polegadas, presente dos filhos no dia dos pais, evidencia a paixão do cinéfilo, junto com livros e mais livros sobre cinema e discos de Sinatra. A informalidade dá o tom desse ambiente, criando uma atmosfera descontraída. Nenhum decorador passou por aqui, mas há harmonia, aconchego. O sofá faz um L com uma poltrona individual, bem de frente para a telona. É o trono de Guga. Dali ele pilota a TV, o transcodificador de canais a cabo e o aparelho de Dvd através dos muitos controles remotos, que vivem sumindo. Uma mesa de cada lado, cinzeiros e copos de cerveja e whisky, este último por vezes substituído pelo drink da vez, o negrone. Atrás do trono, uma grande mesa branca encostada na parede, cheia de livros, papéis, fax, scanner, impressora, computador... Projetos para cinema e televisão espalhados por quase todos os móveis da casa. “Guga, vamos começar a entrevista? Eu pensei em fazermos fora de casa em busca de distanciamento...” propus, ao que ele respondeu: “Pode ser... acho legal...”. Entretanto, como naquele primeiro momento não pudemos sair – era noite e a filha não poderia ficar sozinha – decidimos experimentar começar ali mesmo. Se desse certo, bem. Se não, marcaríamos nosso próximo “encontro” no bar da esquina, o São Pedro São Paulo, apelidado de “escritório” pelo Guga. Paradoxalmente, a mim parecia muito artificial lançar mão dessa estratégia, o que reforçou a decisão de tentarmos levar a entrevista a cabo em casa mesmo. A experiência do bar ficou como possibilidade futura... “Então, deixe me organizar...”. Dizendo isso, serviu-se de whisky, cerveja, cigarro. E mergulhamos em histórias que eu já ouvira tantas vezes, mas que agora ganhavam novos sons, novas cores... Making on: Câmera... Ação Nossa história começa há mais de meio século, quando, no dia 16 de julho de 1950, o Brasil viveu um de seus momentos mais tristes. O país emudeceu naquela tarde de domingo. Duzentas mil pessoas choravam no interior do maior estádio do planeta, o Maracanã, chocadas pela inesperada derrota do Brasil para o Uruguai por 2 a 1. Era a final da Copa do Mundo. O Brasil deixava escapar a chance de ser campeão pela primeira vez, em seu próprio território, dentro de casa. Seguramente, foi a tarde mais desesperadora do aclamado futebol brasileiro até hoje. Em um bairro não muito distante do palco da tragédia, um menino, também muito triste com a derrota, mas sem entender sua dimensão, ouvia pelo radinho de válvulas o narrador, em prantos, anunciar o resultado do jogo. Como para as crianças as tragédias são passageiras, o menino pegou sua bicicleta – uma Caloi super leve – e convidou o amigo que estava com ele para passear. Carlinhos, o amigo, disse que não tinha bicicleta. Era seu grande sonho. Desistiram do passeio. Na casa de Carlinhos, xará e vizinho do menino, havia um pequeno projetor de cinema movido à manivela, uma novidade. Eles decidiram assistir a um curto desenho animado, de aproximadamente 3 minutos. “Virgulino Apanha” era em preto e branco, criado e realizado por brasileiros, uma sátira sobre o personagem histórico Lampião e suas lutas contra as volantes. Ao sentir a magia da pequena tela luminosa onde as imagens se moviam, controladas pelas próprias mãos, lembranças povoam a mente do menino... A boiada passando pela porta da casa da avó Nicota, os passeios até o pico do Jaraguá, os tempos do colégio interno em Piracicaba, cidade do interior de São Paulo, onde ele concluiu o curso primário. O Colégio Piracicabano era um internato presbiteriano, de disciplina muito rígida. Os horários de estudos, refeições e lazer eram rigorosamente controlados. A liberdade de contato com a comunidade só acontecia aos domingos, após o culto – no qual era obrigatório saber na ponta da língua o Novo Testamento. Como prêmio, três horas livres para passear pela velha Piracicaba. A primeira hora, regularmente, era reservada para tomar sorvete de morango à beira da cachoeira – ou salto – onde nos meses de novembro se podia assistir ao fantástico espetáculo da piracema. Os peixes saltavam, lutando contra a correnteza, para seguir rio acima e desovar. Depois do sorvete, os estudantes iam ao Cine Regência, onde assistiam a tradicional matineé. Seus ídolos eram Durango Kid, Charles Starret e Tom Mix. A sessão de cinema era a grande recompensa pela árdua semana de estudos e de saudades da família. Filho de mãe viúva, ele tinha um irmão seis anos mais velho que também estudava em um internato em São Paulo, o Liceu Coração de Jesus, de orientação católica. Orlando, o pai, falecera precocemente, aos 31 anos de idade, vítima da pneumonia adquirida nas trincheiras da Revolução de 32. Coube à mãe, Joaquina, de apenas vinte e seis anos, a difícil tarefa de criar sozinha os dois filhos, José Bonifácio, de sete anos e Carlos Augusto, de um. O falecido Orlando era dentista, boêmio, cantor. Um homem divertido que gostava de fazer serenatas para a esposa e de levar os meninos para pescar – o pequeno nos ombros, o maior pela mão. Não deixou recursos materiais para o sustento da família. Joaquina precisou sair em busca de trabalho. O pouco dinheiro que ganhava, usava na educação dos filhos. Moravam em Osasco e Joaquina trabalhava em São Paulo, dezoito horas por dia. Para complementar o salário de balconista das Lojas Americanas, vendia roupas, jóias e bijuterias. Sobrava pouco tempo para ficar com as crianças. Depois de anos tentando manter a família unida, ela finalmente decidiu que a melhor opção para os filhos era o colégio interno. José Bonifácio – ou Boni – tinha doze anos. Carlos tinha seis. Na época do internato, o diálogo de Carlos com a mãe se dava basicamente através de cartas. As visitas eram mensais ou quinzenais. Viajar era difícil e caro, as estradas eram rudimentares, de terra e poeira. Levava-se horas para chegar a Piracicaba. Com nove anos, Carlos foi o orador da turma ao se formar no primário. Logo depois, recebeu da mãe a notícia de que ela se casara novamente com um advogado de nome Edmundo. O advogado, que tinha negócios no Rio de Janeiro, providenciou a mudança da família para lá. Aquele homem, estranho aos meninos, a partir daquele momento seria seu novo pai e mudaria radicalmente suas vidas. Edmundo – ou apenas Ed – era forte, alto, grossos óculos de tartaruga no rosto. Como advogado, carregava sempre uma valise, cheia de documentos e processos. Vestia-se formalmente e era bastante reservado. Exatamente o oposto do pai, Orlando. Carlos e Boni estudavam no colégio do bairro, o Piedade, hoje universidade Gama Filho. Moravam em um pequeno apartamento, a poucos metros da escola. O Rio de Janeiro oferecia toda a liberdade que os meninos não tinham no internato. Carnaval, futebol, brincadeiras de rua, bola, pipa, os trens da velha

Central do Brasil, as primeiras namoradas... Enfim, passaram a ter uma família normal. Ed, filho de portugueses, tinha princípios talvez mais rígidos sobre educação do que os do colégio interno. Era generoso, mas exigente. Joaquina, a mãe, filha de imigrantes espanhóis, era mais liberal. Os meninos conviviam entre o maternalismo anárquico e rigor castiço do padrasto, a quem chamavam de pai. Certa tarde, poucos meses depois de se mudarem para o Rio, Carlos brincava com uns amigos na rua, o que não era permitido pelo padrasto mas era acobertado pela mãe convivente, que tinha se transformado em uma dona de casa. Em frente à porta do edifício onde morava, na rua Bernardino de Campos, um velho motorista de praça desce do táxi e pergunta às crianças: “é aqui que mora o José Bonifácio?” Carlos responde: “sim, é meu irmão, porque?” “Vá chamar sua mãe” – disse o motorista – “aconteceu um acidente com ele”. Carlos apressou-se até a cozinha, onde a mãe terminava de lavar a louça do almoço, e avisou que um homem queria falar com ela sobre seu irmão. Kina, como era conhecida, ainda de avental na cintura, correu preocupada ao encontro do motorista. Ele lhe disse: “um ônibus atropelou seu filho que estava na bicicleta e acho que ele morreu. É melhor a senhora ir até lá”. Desesperada, Kina entrou no táxi e partiu imediatamente, do jeito que estava. Carlos, assustado, ficou olhando o velho carro se afastar, pensando na possível perda do irmão. Houve, de fato, uma morte. Mas, por um capricho do destino, foi a de um jovem amigo de Boni. O irmão de Carlos quebrou vários ossos e seccionou a perna direita, o que quase o levou à amputação. Ed enfrentou os médicos, ameaçando-os caso mutilassem seu filho. Sob o intenso calor do Rio, Boni ficou seis meses engessado, com Carlos e a mãe a seu lado. Teve também que tomar medicamentos para interromper seu crescimento, caso contrário só a perna boa continuaria a se desenvolver, o que o deixaria manco. Kina, ainda traumatizada com o acidente do filho mais velho, achou melhor mudar-se com a família para um bairro mais distante, onde o mesmo valor do aluguel do pequeno apartamento poderia pagar por uma casa confortável. Bento Ribeiro parecia uma cidade do interior, era um bairro de classe média baixa, subúrbio típico carioca, onde as crianças desembastavam livremente pelas ruas, brincavam descalças, jogavam pelada, bola de gude, empinavam pipas. Havia, já naquela época, uma marginalidade latente, que hoje se manifesta no Rio de Janeiro. A casa era especial. No jardim, um cisne de pedra jorrava pelo bico uma água límpida que caía no lago artificial, repleto de peixes vermelhos. Não demorou para que Carlos fizesse amizade com o xará, Carlinhos, que morava na casa da frente. Emergindo de suas recordações, depois de assistirem ao desenho de Lampião, Carlos, encantado, propôs ao amigo uma troca: o projetor pela bicicleta. Carlinhos não hesitou, fechou negócio na hora. Boni tinha fortes lembranças do pai, Orlando. Para ele não foi fácil aceitar o novo casamento da mãe. Carlos, ainda muito criança, era mais obediente aos métodos do padrasto. A rotina do lar era rigorosa, marcada pela pontualidade: quando o relógio cuco anunciava oito horas da noite, era servido o jantar. Mãos limpas, unhas escovadas, banho tomado, cabelo penteado com o lado fino do pente, tudo era checado por Ed. À mesa, a família comentava o cotidiano. Às nove, os quatro iam para a sala de estar. O som de Wagner, Beethoven, Debussy, dominava o ambiente. Escutavam música calados, sem poder conversar por uma hora. Depois, a mãe ia encerrar seus afazeres domésticos enquanto os homens da casa – Edmundo, Boni e Carlos – se dedicavam às respectivas tarefas profissionais e escolares. Finalmente, às onze horas, escovação dos dentes, beijo de boa-noite e descanso para o dia seguinte, que começava às seis horas da manhã, com uma ducha gelada. Segundo Ed, era um hábito saudável para o início de uma nova jornada. Carlos e Boni dividiam o mesmo quarto. A crise entre Ed e Boni foi se agravando até ficar insustentável. Boni, adolescente, desafiava o padrasto. A tensão chegou a ponto dos dois se ameaçarem de morte. Kina temia um desfecho trágico. Resolve fugir com os filhos para São Paulo, onde viviam seus parentes. Abandonava Ed e a segurança material que ele proporcionava. Onze horas da noite, estação da Central do Brasil, apitos de trem, burburinho. Apenas com a roupa do corpo e alguns objetos pessoais, Kina e os filhos embarcam no Ouro Verde, o trem que os levaria de volta a São Paulo. Diziam que na terra da garoa fazia frio. Carlos estava super agasalhado, calças e meias de lã, um boné na cabeça e o projetor de cinema no colo. Quando o apito do trem anunciou a partida, alguns pensamentos de menino invadiram a mente de Carlos: onde estariam seus amigos de internato? As pipas voavam no ar... será que tinha pipa em São Paulo? Como ficaria sua primeira namorada Sônia, irmã do amigo Carlinhos com quem trocara a bicicleta pelo projetor? Será que os índios atacariam o trem como nos filmes das matinês de Piracicaba? O balanço do vagão de trem embala Carlos, que adormece. Sete horas da manhã. O Ouro Verde cruza o banhado do Vale do Paraíba, em São José dos Campos. O sol bate forte, acordando Carlos. A janela do trem parecia uma tela de cinema. Cidades, pastagens, boiadas, gente do campo trabalhando, um novo dia amanhecia, uma nova vida começava. Dez da manhã. Estação da Luz, São Paulo. Uma construção inglesa clássica, estruturas de ferro, plataformas apinhadas de gente vindo de todos os cantos do Brasil, bem diferente da tranquilidade de Bento Ribeiro. Era uma manhã de sol. As roupas de lã incomodavam o menino, assustado com a velocidade paulistana. A mãe, Kina, tinha na mão um pedaço de papel com o endereço: Avenida Pompéia, 1089. A bagagem era pequena. No corre-corre, Kina toma um táxi e mostra o endereço ao motorista. No rádio do carro, notícias e mais notícias, trânsito, temperatura. Pela janela, a gigante de concreto se apresentava aos olhos de Carlos. Os prédios eram muito altos. As pessoas andavam apressadas, os homens usavam terno e chapéu. Como o dinheiro era pouco, ao chegar na parte baixa da Avenida Pompéia, Kina pede ao táxi que pare. Dali para frente seguiriam a pé. Foram mil metros caminhando morro acima sob um sol causticante de meio-dia, até chegar ao número 1089. O destino deles era um pequeno sobrado, com uma placa na frente: Instituto de beleza Avenida. Lila, irmã de Kina, era cabeleireira. Mantinha no pavimento térreo um salão de beleza. No andar de cima, os três seriam acolhidos. Lá moravam e trabalhavam mais quatro irmãs de Kina e algumas primas. Todos dormiam em colchonetes espalhados pelos dois pequenos dormitórios do sobrado. Foram dois anos de aprendizado de sobrevivência. Boni já gostava de rádio desde o Rio de Janeiro e tentava uma oportunidade de trabalho. Carlos ajudava as tias no instituto de beleza, fazendo escova, limpeza de pele, tirando cutícula, contribuindo com a renda familiar e garantindo as matinês de domingo. Hoje, ao lembrar daqueles tempos, ele brinca: não sou bicha por acidente... Kina presta concurso para o funcionalismo público. Por absoluta coincidência, uma das clientes de Lila era esposa do famoso radialista Manoel de Nóbrega, criador do programa "A praça é nossa". A tia de Boni comenta sobre o desejo do sobrinho de trabalhar em rádio. Começava ali uma carreira de sucesso na comunicação brasileira. Carlos, que vinha dos subúrbios e morros do Rio de Janeiro, rapidamente se adapta e lidera a molecada do bairro. Pipas, carrinhos de rolimã, bolinhas de gude, enfim, toda a malandragem carioca, em meio ao passo dobre e castanholas das tias, que ele chamava de “espanholada”. O céu de 25 de janeiro de 1954, parecia uma chuva de estrelas... São Paulo comemorava o quarto centenário. Milhares de triângulos de papel brilhante lançados de aviões brilhavam sob a luz de potentes refletores, cobrindo a noite paulista na maior festa de aniversário que São Paulo já teve. Ao fundo, o dobrado Quatrocentão na sanfona de Mário Zan. Kina passa no concurso que prestara e os três se mudam para uma pensão no Largo Padre Péricles, ao lado da Igreja São Geraldo, nas Perdizes – hoje, início do “Minhocão”. Para felicidade de Carlos, bem em frente à pensão o Cine Esmeralda exibia o filme "O Rapto" com Glenn Ford, um de seus ídolos. Mais tarde Hollywood lançaria um remake com o título "O Resgate", protagonizado por Mel Gibson. A pensão era muito simples. Um velho sobrado com alguns quartos no andar superior e um banheiro coletivo. Na parte inferior funcionava a Organização de Luto São Geraldo. Os três moravam em um só cômodo. Não era permitido cozinhar ou esquentar alimentos no pequeno quarto. No final do corredor, era normal formar-se fila na disputa pelo uso do banheiro, comum a todos os pensionistas. Kina era funcionária pública e Boni, com 20 anos, havia conseguido o emprego na rádio com Manoel de Nóbrega. Carlos ajudava a renda familiar trabalhando na organização de luto. Atendia os

clientes, a quem mostrava um álbum com fotos das várias opções de caixões: com quatro ou seis alças, de pinho ou cerejeira, estofamento de cetim ou veludo. Como a funerária ficava no início da luxuosa Avenida Pacaembu – região nobre da cidade – os clientes eram pessoas de posses e as cerimônias, generosas. Nas redondezas viviam muitos descendentes de árabes, que haviam enriquecido em São Paulo. De acordo com seus costumes, serviam banquetes durante o velório. Depois de organizar o ritual e preparar o finado, tampando suas narinas grandes e geladas com algodão, Carlos enchia os bolsos de esfihas e kibes, que levava para casa e dividia com a mãe e o irmão. Com os trocados que recebia pelos serviços prestados, não perdia uma sessão de cinema, sua antiga paixão. Kina começa a ganhar um salário um pouco melhor e Boni se revela um excelente profissional de comunicação, o que permite que a família se mude para um apartamento em uma avenida de nome charmoso, Campos Elísios – hoje Avenida Rio Branco – perto da estação Sorocabana. Na verdade, apesar do nome pomposo, a área era mais conhecida como “boca do lixo”, reduto de prostituição, drogas, enfim, o submundo da grande metrópole. Agora com 15 anos, Carlos passa a frequentar salões de sinuca, academias de boxe e se torna amigo das prostitutas e cafetões. É também nessa época que ele conhece Luís Eduardo, filho de Esther, a melhor amiga de sua mãe. As famílias de Kina e Esther, ambas viúvas e com filhos de idades semelhantes, moravam no mesmo prédio, um apartamento em cima do outro. As duas casas pareciam uma só, as portas ficavam abertas e a escadaria vivia movimentada. Alguns parentes tinham ficado em Osasco. O trem que partia da Sorocabana levava 40 minutos até seu bairro de nascimento. Não raras vezes, contrariando todas as medidas de segurança, Carlos viajava fora do vagão. De mansinho, acomodava-se na lateral da locomotiva ao sabor do vento que batia em seu rosto. E lá ia ele, sozinho até Osasco, brincar com os primos e treinar futebol pela Cobrasma (Companhia Brasileira de Materiais Ferroviários). Em um domingo, depois da partida de futebol, ele, que apesar da pouca idade já tinha uma altura de 1,80 metros, foi convidado para jogar basquete pelo Tênis Clube de São Paulo, que ficava na Aclimação. As mordomias eram significativas: lanche, dinheiro para transporte, piscina, carteirinha de sócio de um clube sofisticado. Carlos aceita o desafio e troca de esporte. Ganha um apelido que irá carregar pelo resto da vida: Guga. Um ano depois, em 1957, torna-se campeão estadual. Convocado para a seleção paulista, conquista também o campeonato brasileiro. Na Avenida Rio Branco, onde morava, ficava o cine Normandie, que exibia filmes sensuais franceses. Através das telas Guga conhece Brigitte Bardot, Danielle Darieux, Pascale Petit e outras musas. A poucos passos, o Cine Rio Branco, o Cine República, o Cine Metro, o Art Palácio, enfim, a cinelândia paulistana, proporcionava a Guga a possibilidade de assistir a um ou mais filmes por dia, coisa rara numa época em que habitualmente a frequência era semanal. Sua paixão pelo cinema e pela supra-realidade aumentava a cada dia. Boni torna-se um publicitário reconhecido e muito bem remunerado, casando-se logo em seguida. Guga muda-se com a mãe para o bairro de Higienópolis, bem em frente ao colégio Mackenzie. Com o aumento da renda familiar, passa a frequentar bons colégios, como o Paes Leme, na esquina da Avenida Paulista com a Rua Augusta, e o Liceu Eduardo Prado, no Itaim. Aos 18 anos escreve uma crítica sobre o filme “Candelabro Italiano”, com a loiríssima da moda, Sandra Dee. A crítica foi publicada pelo O Estado de São Paulo. A partir de então, ele passa a ser colaborador do jornal e arruma um emprego na editora Abril, participando do lançamento da revista Cláudia. A devotada paixão pelo cinema leva Guga em busca de um ofício mais próximo dessa arte. Boni, já consagrado como publicitário, indica Guga como estagiário na RGE discos, na rua Paula Souza, centro da cidade. Além de fazer jingles, ele trabalha até de madrugada como assistente de estúdio em gravações até hoje imortais, como “Ouça”, com Maysa Matarazzo, e outras com Silvio Caldas, Rolando Boldrin e a Orquestra de Simonetti, sucesso na televisão. No dia 21 de abril de 1960, depois de cinco horas a bordo de um avião DC-3 Curtiss Commander, Guga aterriza em Brasília para tocar maracas com a orquestra de Simonetti no baile inaugural da Novacap. De volta à São Paulo, procura estágio na produtora Linx Film. Sua primeira oportunidade é como ator em um comercial da loja de roupas masculinas Garbo, dirigido pelo imortal Roberto Santos. Guga não gostava da frente das câmeras. Sua paixão estava do outro lado. Passa a escrever roteiros como free-lancer para comerciais publicitários. O cinema brasileiro atravessava uma crise profunda e a única escola ao alcance de Guga era a publicidade. As produções do cinema-novo se concentravam no Rio de Janeiro. Em São Paulo, depois do fracasso da ambiciosa companhia cinematográfica Vera Cruz, só se realizava filmes marginais, o cinema da boca do lixo, salvo algumas exceções como “Hora e Vez de Augusto Matraga”, do diretor Roberto Santos e “O Pagador de Promessas”, dirigido por Anselmo Duarte. Guga recebe um convite para trabalhar no departamento de televisão da J. Walter Thompson publicidade e conhece Neide, sua chefe, com quem irá se casar futuramente. Logo em seguida, destacando-se pela criatividade de seus roteiros, ele vai dirigir o setor de rádio e televisão da Denison Propaganda, e conquista alguns prêmios. Casa-se com Neide e passa a ser um profissional disputado pelas grandes agências. A Almap – Alcântara Machado Propaganda – lhe oferece o mais alto salário do mercado publicitário aos 23 anos de idade. No seu aniversário de 24 anos – dia seis de abril de 1965 – nasce Karla, sua primeira filha. O nome, com K, foi escolhido em homenagem a Karl Marx. No dia sete de agosto de 1966 nasce Andréa, a Deca. Em 1968 começam os anos de chumbo período em que a ditadura, iniciada após o golpe militar de 1964, recrudescer o já violento regime político. Guga sai da Almap para fundar a Blimp Film, com a determinação de fazer longas metragens, documentários e cinema publicitário. Nessa época conhece e realiza trabalhos com nomes importantes da cena artística brasileira, como Tom Jobim, Vinícius, Chico Buarque, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Raul Seixas e outros, com os quais vive passagens incríveis. A Blimp se torna a maior produtora de cinema da América Latina e agrega os melhores profissionais da época. Produz para cinema, televisão e publicidade. Grande parte desse acervo está hoje depositado no MIS (Museu da Imagem e do Som). Lamentavelmente, parte do material alimentou uma fogueira no sítio de Guga, em um momento de ebulição do sangue espanhol. As frequentes viagens a trabalho começavam lentamente a distanciar Guga e Neide, ameaçando o casamento. Vergueiro, amigo de Guga, traz a futura esposa para estagiar na Blimp. Mais tarde, Guga é padrinho do curto casamento dos dois, que dura apenas seis meses. Guga e Thaís – que continuava a trabalhar na produtora – se aproximam. O casamento de Guga com Neide chegava ao fim em 1969. Ele e Thaís começam a namorar. No final das férias de julho de 1970, Guga, que já assumira seu novo relacionamento, vai visitar as filhas no Guarujá, para comemorar o aniversário de Deca. Nesse dia, ele e Neide festejam com as meninas e depois continuam conversando, bebendo... Alguns meses mais tarde, Neide revela a Guga que esperava outro filho dele. Só que Thaís também estava grávida. Numa tarde, Thaís e Neide se encontram no meio da escadaria da produtora de Guga. As barrigas proeminentes dispensaram palavras. Enquanto as duas subiam furiosas, rumo à sala de Guga, um amigo que vira a cena lhe comunicava através do telefone interno o que acabara de acontecer. Guga quer escapar pela janela, pela porta dos fundos, tentando evitar o inevitável encontro em que teria que esclarecer e dar satisfações às duas. Ele foge pela garagem. O tempo é o melhor remédio. Passada a crise da tumultuada situação, no dia 20 de maio de 1970, nasceu Frederico, o Dico, filho de Neide. Ana Carolina, primeira filha de Thaís, nasceu no dia 24 de agosto do mesmo ano. Dois irmãos com apenas três meses de diferença de idade. Três anos depois, Guga e Thaís têm mais uma filha, Juliana, que nasceu no dia 31 de outubro de 1973. Os trabalhos realizados pela Blimp como produtora independente têm forte influência na televisão brasileira. A produtora paulistana do bairro do Bexiga, que começou com um sonho de jovens realizadores, foi o celeiro de programas como Fantástico, Globo Repórter e projetos especiais. Foi também uma escola onde se formaram muitos profissionais que tiveram e ainda têm atuação destacada na comunicação áudio-visual. Durante seus anos de Blimp, Guga reuniu muitos prêmios. Ele cita especialmente o longa metragem “Sargento Getúlio”, magistralmente protagonizado por

Lima Duarte, que lhe rendeu o troféu de melhor filme no festival de Gramado, além de prêmios no exterior, como Suíça e Moscou. Cita também os prêmios conquistados durante vários anos seguidos pelos programas Globo Shell e Globo Repórter, como os troféus Amiga, Imprensa e Helena Silveira. Seus documentários até hoje são exibidos em universidades no Brasil, Estados Unidos e Europa, como referência da realidade brasileira. 1978. Na ânsia de comunicar melhor suas idéias em época ditadura, Guga vai para a televisão. Sua primeira parada é como diretor na rede Tupi, do império de Assis Chateaubriand. Monta uma respeitável equipe de telegenialismo, reunindo nomes como os de Samuel Weiner, Sérgio de Souza, Narciso Kallili, Juca Kfour, Ferreira Martins, Paulo Patarra e outros. Com o desmoronamento do império de Chateaubriand, provocado pela desagregação dos comunistas, ele aceita um novo desafio: montar a rede Bandeirantes de televisão. Em apenas um ano, a partir das três emissoras de João Saad – uma em São Paulo, outra no Rio e mais uma em Belo Horizonte – forma um complexo composto por 45 emissoras cobrindo todo o Brasil. Surgia a segunda maior rede do país no setor de comunicação áudio-visual. Ao mesmo tempo, Boni implantava o padrão Globo de qualidade. Os dois irmãos de Osasco estavam frente a frente, como em um duelo de faroeste, disputando o mesmo lugar ao sol. A Bandeirantes, com sede em São Paulo, passa a ser uma concorrente direta da poderosa Globo, que tem seu núcleo no Rio de Janeiro. A audiência estava dividida. Kina, então, nem se fala. Como mãe, se via obrigada a assistir aos dois canais. Apesar de adversários na conquista do público, a relação fraterna permanecia intacta. Em 1981, Guga sai da Bandeirantes e se associa a Roberto Marinho na produtora Globotec, em São Paulo. Realiza aberturas de novelas, documentários, shows e especiais para a Globo. Uma das produções mais marcantes daquele momento foi o do show especial de fim de ano de Roberto Carlos, em 1982. Realizado nos antigos estúdios da companhia cinematográfica Vera Cruz, o especial homenageou Carlitos e o cinema. Guga o apelidou de "Os três Carlos", referindo-se à coincidência dos nomes dele, de Roberto e do inesquecível Chaplin, todos os três nascidos sob o signo de Áries. Depois de assumir a coordenação de comunicação da campanha do empresário Antônio Ermírio de Moraes para governador de São Paulo em 1986, vencedora na capital, mas não no interior do estado, Guga tem mais uma passagem no marketing político: seu amigo da Avenida Rio Branco, Luís Eduardo, também publicitário, o procura para desenvolverem a campanha para a Prefeitura de São José dos Campos, no Vale do Paraíba. O candidato era muito popular, já havia exercido mandatos como deputado federal por duas vezes e como prefeito daquela mesma cidade anteriormente. Chamava-se Joaquim Bevilacqua e era ex-cunhado de Luís. Seu casamento com Thaís estava desgastado, perto do fim. Numa das primeiras reuniões em São José dos Campos, Guga conhece Valéria, filha mais velha de Luís, que tem a mesma idade de sua segunda filha, Deca. Valéria já conhecia Kina, querida amiga de sua avó Esther, e já tinha se divertido muito ouvindo inúmeras vezes as histórias contadas pela avó e pela tia Cidinha a respeito das molecagens que o pai, Luís, aprontara com Guga e outros amigos na adolescência. Quando Guga entra na sala de reunião, Valéria afirma, sem pensar, o que era evidenciado pelos traços fisionômicos: Você é filho da Kina. Guga lança um olhar meio desconfiado pela observação e responde que sim. Ela então se apresenta como filha do amigo Luís Eduardo. Por ter ouvido tantas histórias de Guga, ela sentia como se já o conhecesse há tempos. Alguma coisa mexeu com a garota a partir do momento em que Guga abriu a porta daquela sala. Talvez tenha sido mesmo o tal amor à primeira vista. Só que ela, 25 anos mais jovem que o amigo do próprio pai, não tinha condições de assumir um sentimento desses nem para ela mesma, quanto mais para os outros. O convívio entre eles era amistoso. Protegendo-se dela mesma atrás da constante presença do pai, eles saíam, jogavam dardos, bebiam, cantavam, se divertiam, davam muita risada. Ao fim da campanha política, Guga voltou a São Paulo para tocar um projeto de produção independente, uma novela para o SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). Seis meses se passaram até que Guga procurasse Valéria para convidá-la a participar da novela. Ele sabia que ela gostava de teatro, já havia se envolvido em alguns projetos amadores, cursava educação artística. Sem pensar duas vezes, Valéria abandona a faculdade e se muda para a casa da tia Rosângela, em São Paulo. Depois de alguns meses trabalhando como atriz na novela, ela e Guga começam a se aproximar lentamente. Saem juntos, mas ela sempre dá um jeito de levar Carola, ou Ana Carolina, filha de Guga que morava com ele em um flat e também era atriz na novela. Era inevitável. O rubor do rosto de Valéria sempre que Guga aparecia a denunciava. Finalmente, em setembro de 1989, os dois assumem seus sentimentos. O difícil agora seria contar a Luís. Enquanto os dois planejavam a melhor forma de revelar o relacionamento ao pai de Valéria, o irmão dela telefona e faz uma pergunta direta sobre o assunto. Ela, espantada, descobre que o pai já sabia e que, depois do susto inicial, seguido por meditações aromatizadas com incensos – o que não é nem de longe o estilo dele – tinha aceitado. Valéria tinha 23 anos. Guga, 48. Os dois já viviam juntos há seis anos quando nasceu Luíza, no dia 26 de novembro de 1995. Hoje, dia 4 de dezembro de 2005, aos 64 anos de idade, Guga continua casado com Valéria, e Luíza acaba de completar 10 anos. Os filhos mais velhos já lhe deram onze netos: Júlia, Bárbara, Francesco, Thomás, Alex, Vivian, Carolina, Max, Rafael, Breno, e Caio, pela ordem de idade. Tem vários projetos, entre eles dois longa-metragens, "Amores de Guerra" – sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e "Era uma vez... no Brasil" – que conta a história de Silvio Santos. Making off. 3 de dezembro de 2005. Antes de chegarmos ao restaurante Rodeio, onde comemoraremos o 70º aniversário de Boni com um almoço surpresa organizado pela esposa dele, a Lou, passamos na Fnac. Na mega-loja de CDs, DVDs, livros e afins, encontramos o presente ideal, um documentário recém lançado no Brasil e muito elogiado sobre vinhos, assunto que Boni domina como ninguém. Foi então que outro lançamento chamou nossa atenção: era o "Phono 73 – o canto de um povo" – dirigido pelo Guga 32 anos atrás. Quis comprar, ele não deixou. "Muito caro", disse, "não vale isso...". Insisti, mas ele se recusou, alegando: Eles vão mandar alguns para distribuímos para os amigos... Durante o almoço, os dois irmãos fizeram planos para o futuro da comunicação brasileira. Estavam presentes Regina Duarte, Raul Cortez, Marília Gabriela, Tarcísio Meira, Glória Menezes, José Wilker, Nilton Travesso, outros artistas e amigos, a família e – é claro – Kina, a heróica mãe de Boni e Guga, que atualmente é psicóloga, escritora e continua trabalhando, perfeitamente lúcida e saudável aos 90 anos de idade. Como se estivessem ainda em Bento Ribeiro. Como se estivessem na Piedade. Ou em Osasco... Enquanto eu finalizava esse texto, Guga aguardava ansioso pelo início de uma partida de futebol importante para o Corinthians. De repente, solta uma gargalhada. Ele me chama e diz: Essa é uma biografia não autorizada, hein?